

INAUGURAÇÃO DAS OBRAS DE PROLONGAMENTO DO MOLHE-CAIS E DO AUMENTO DO TERRAPLENO DO PORTO DAS VELAS

Velas, 22 de janeiro de 2019

Intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

No início da visita do Governo à ilha de S. Jorge, marcamos, hoje e aqui, a conclusão e entrada em funcionamento de um dos mais vultuosos investimentos realizados nesta ilha no domínio das acessibilidades marítimas.

Com efeito, são mais de 23 milhões de euros, investidos de forma direta e concreta numa infraestrutura que permite afirmar, sem margem para qualquer dúvida, que a ilha de São Jorge passa a dispor de uma estrutura portuária moderna, funcional e eficiente para servir os Jorgenses e para servir a economia desta ilha, quer no que respeita ao transporte de passageiros, quer no que respeita ao transporte de mercadorias.

Permitam-me, a este propósito, salientar três componentes do investimento que foi concretizado pelo Governo dos Açores neste porto comercial e que constituem mudanças estratégicas na sua funcionalidade e, - porque não dizê-lo? -, na sua utilidade para ser um elemento potenciador do desenvolvimento desta ilha.

Em primeiro lugar, a construção, em 2012, da rampa ‘roll on/rol off’, a qual, num investimento de perto de um milhão de euros, veio permitir a operação de navios ferry neste porto e, conseqüentemente, mais facilidade, mais comodidade e mais rapidez no transporte de passageiros e de viaturas, incluindo já alguma carga, nestas ilhas do Triângulo.

O segundo investimento, a construção de uma nova e moderna Gare de Passageiros, que entrou em funcionamento no início de 2018, e que veio permitir e garantir níveis de conforto mais elevados, para além do reforço das condições de segurança para essa operação.

Por último, e como terceira componente, a obra de prolongamento do cais comercial em mais 150 metros e a ampliação do terrapleno para 2.200 m², aproximadamente, a intervenção ao nível das redes técnicas existentes, de água potável, água salgada de combate a incêndios e elétrica e de iluminação, para além da construção de um edifício de oficina, armazém e garagem para máquinas, para apenas citar algumas das intervenções.

Como resultado direto e imediato desse investimento, a ilha de S. Jorge passa a dispor de um porto comercial que permite a operação de dois navios em simultâneo, que tem reforçadas as condições de segurança no tráfego de passageiros e viaturas em navios ferry, permitindo também a sua operação em simultâneo com os navios comerciais.

Esta não é, pois, pela sua abrangência, pelo volume de investimento que mobilizou, mas, sobretudo, pelos resultados e pelas melhorias que permite alcançar, uma simples obra de requalificação do Porto Comercial de Velas.

Trata-se, na verdade, de uma profunda e radical transformação das capacidades e das valências deste porto, com um renovado e elevado potencial de contribuir, ainda mais, para a competitividade desta ilha e, por essa via, para o desenvolvimento dos Açores.

E aqui chegados, concluído o investimento desta envergadura, reconhecerão aqueles que estão de boa fé que se faça a pergunta ou que, simplesmente, se impulsione a reflexão que se impõe:

O que pretende a ilha de S. Jorge fazer com este porto comercial renovado, ampliado e modernizado?

O que pretendem os Jorgenses, as suas instituições, os seus empresários e empreendedores fazer como uma infraestrutura com estas características e com este potencial?

Mesmo sabendo que nem tudo depende do porto, que ele não é o ‘alfa’ e o ‘ômega’ do progresso económico e social do desenvolvimento desta, nem de qualquer outra ilha, mesmo assim, a reflexão parece-me legítima.

E, permitam-me, parece-me legítima por três razões.

A primeira, porque há muito, há muito mais investimento do Governo Regional a ser concretizado aqui na ilha de São Jorge, como, aliás, por todas as ilhas da nossa Região, e em relação a este investimento público deve haver a mesma preocupação: como poderemos transformar esse investimento do Governo num instrumento que ajude a desenvolver, a criar riqueza, a criar emprego?

Para falarmos apenas de S. Jorge, e abrangendo as obras que estão em várias fases de desenvolvimento, temos obras no Centro de Saúde da Calheta e vamos ter obras no Centro de Saúde de Velas, temos obras em estradas regionais, em caminhos agrícolas e caminhos da orla costeira e também na orla costeira, como é o caso do espaço adjacente ao Campo de Jogos de Santa Catarina, temos obras na escola da Calheta, no Museu Francisco de Lacerda e vamos tê-las, também, na Santa Casa da Misericórdia, no Porto do Topo, e, voltando a Velas, temos obras no Entreposto Frigorífico, isto entre tantas e tantas outras intervenções.

Em todas elas, a questão não se coloca apenas na fase de decidir o investimento.

Deve ser, para todos aqueles que delas podem beneficiar, uma questão constante: como utilizar esse investimento como ferramenta para o nosso desenvolvimento?

A segunda razão para essa reflexão tem a ver com a circunstância de este ser um investimento avultado, financiado em 85% com fundos comunitários, mas, nos restantes 15%, financiado com verbas que proveem dos impostos que pagam os Açorianos, de Santa Maria ao Corvo, e, portanto, também dos impostos que pagam os Jorgenses.

Mesmo que fosse integralmente financiado por fundos comunitários, em relação a este investimento, - e quem diz este investimento em S. Jorge, pode e deve aferir qualquer outro investimento em qualquer outra ilha da nossa Região -, deve haver uma perspetiva permanente de ligar a sua realização, não a um simples dispêndio de dinheiro, mas à

utilidade e, se quisermos, reprodutividade do mesmo em termos de contributo para o bem-estar das nossas populações e para o desenvolvimento da nossa Região e de correta utilização do dinheiro dos Açorianos.

Por último, porque a decisão de investir mais de duas dezenas de milhões de euros neste porto não visou, simplesmente, gastar esse dinheiro, nem, muito menos, satisfazer um simples capricho.

A decisão de investir esse montante nesta obra baseia-se na convicção profunda de que este é um investimento que pode, que deve, servir de instrumento, de ferramenta, de impulso para o desenvolvimento económico e, conseqüentemente, para a criação de riqueza e de emprego em S. Jorge e, portanto, nos Açores.

E este é também o momento de manifestar, em nome do Governo, a total confiança na capacidade dos Jorgenses para responderem afirmativamente a esta questão.

Há números que falam por si.

E há, sobretudo, números que dizem mais sobre nós próprios, sobre as nossas forças, as nossas capacidades e as nossas vitórias, enquanto ilha e enquanto Povo, do que o comodismo da lamúria de alguns quando quer sobrepor-se ao dinamismo da ambição de muitos mais.

É o caso dos números referentes, exatamente, à atividade que se desenvolve nesta infraestrutura que agora colocamos novamente ao serviço da ilha de S. Jorge renovada, requalificada e modernizada.

Comecemos, pois, pelo movimento de carga.

Em 2009, no Porto Comercial de Velas foram carregadas cerca de 6.800 toneladas. Em 2017, último ano de que temos dados estatísticos, foram carregadas mais de 10.000 toneladas, um crescimento de cerca de 50 por cento.

Isto, ao mesmo tempo que, nesse período temporal, diminuía a quantidade das mercadorias descarregadas: de cerca de 67 mil para 64 mil.

Especialmente significativo, nesse domínio, é o que se passa com a exportação de gado bovino em carcaça.

Em 2009, saíram de S. Jorge, naturalmente por via marítima, 516 carcaças de bovinos abatidos.

Em 2017, saíram de S. Jorge, 2.715 carcaças, um crescimento de cerca de 500 por cento.

Em 2009, o movimento de passageiros no Porto de Velas foi de cerca de 65 mil passageiros.

Em 2017, subiu para cerca de 100 mil passageiros, um crescimento de 53 por cento.

É, pois, à capacidade empreendedora, à capacidade de realização e à vontade de vencer desta parceria entre entidades públicas e privadas que aqui se concretiza e realiza em S. Jorge e que alcançou esses números impressionantes que hoje, aqui, eu apelo: Para que seja possível, agora com condições melhoradas em termos de infraestrutura portuária, crescer ainda mais nestes e noutros indicadores, por si mesmos, mas, sobretudo, por aquilo que significam de criação de riqueza, de desenvolvimento e de progresso nesta ilha e na nossa Região.

O desafio está lançado e está aí, frente aos empresários, aos agricultores, às indústrias, às Câmaras Municipais e, naturalmente, também ao Governo: Que o novo Porto Comercial de Velas seja uma ferramenta moderna e eficaz, ao serviço do desenvolvimento de S. Jorge!

Obrigado pela vossa atenção.